

A INVASÃO LINGUÍSTICA NORMANDA DA INGLATERRA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.5421225030610>

Data de aceite: 15/08/2025

José de Arimathéia Cordeiro Custódio

Doutor em Estudos da Linguagem (UEL)

<https://orcid.org/0000-0002-1438-5816>

INTRODUÇÃO

A língua inglesa existe há cerca de 15 séculos e pode ser didática e historicamente dividida em três períodos: Inglês Antigo (século V e XI), Inglês Médio (séculos XI a XVI) e Inglês Moderno (século XVI até a atualidade).

Este estudo se concentra no início da fase do Inglês Médio, principalmente no século XI, para expor a influência do francês no idioma insular, a partir da conquista da Inglaterra por William I, de origem normanda. A título de contextualização, o trabalho apresenta breve histórico da língua inglesa, da formação do inglês antigo até o médio, ilustrado com produções literárias dos períodos. A pesquisa se fundamenta em pesquisa bibliográfica, sobretudo as obras de Viney (2008), Lima (2016) e Hradec (2020).

Com a invasão normanda, o francês passou a ser uma língua de prestígio, durante um contato franco-normando que durou séculos, tornando-se a língua da Corte e das classes burguesas ascendentes. Durante algum tempo, existiu uma divisão linguística de classes, na qual as mais baixas falavam o inglês e os ricos falavam francês. Palavras francesas foram assimiladas nessa fase a título de empréstimo linguístico, a maioria relacionada à legislação e administração governamental, mas também em outros campos e em diversas classes gramaticais, como substantivos, adjetivos e pronomes.

MAS QUE HISTÓRIA É ESTA?

Como se diz popularmente, Inglaterra e França “têm uma história”, ou seja, são duas nações próximas que promoveram muitos contatos e um grande número de conflitos. Desde a invasão de William I, em 1066, há uma longa lista de episódios, exaustivamente retratados na Literatura e no Cinema, para ficar apenas

em alguns exemplos. Tempos de paz e de guerra se alternaram, houve um conflito secular e vários personagens históricos importantes apareceram nestas épocas. Fora isso, os dois países se desenvolveram nas mais diferentes áreas, por exemplo com a criação de universidades e avanço de técnicas de produção de bens. Naturalmente, as artes e a língua também se desenvolvem.

O apresentador da obra de Hume (1711-1776) percebe este aspecto: “Não admira, assim, que na História da Inglaterra ele esteja atento às diferenças e semelhanças entre a formação do Estado na Inglaterra e na França, processos que ocorrem em paralelo, com muitos pontos de conflito e também de contato, e que produzem modelos de civilização que em alguma medida se complementam” (Hume, 2017, p. XIII).

Hume (2017, p. 63) descreve penalizado o resultado da invasão de William I: “Nada poderia exceder a consternação que se apoderou dos ingleses quando receberam notícias do desfecho da infortunada batalha de Hastings, da morte de seu rei, do massacre de seus principais nobres e de seus mais bravos guerreiros...”

O autor põe parte da conta da derrota à falta de armamento adequado, de táticas mais efetivas, e de um orgulho e espírito nacional debilitado desde a dominação dinamarquesa. Depois de se sentar no trono, conta Hume, William passou um bom tempo recebendo votos de lealdade e distribuindo riquezas às tropas, a nobres e à Igreja. Por outro lado, o novo rei mudou sua sede de Londres para Barking, em Essex, e não nomeou nenhum inglês para um verdadeiro cargo de confiança. Isso fez que muitos simplesmente abandonassem a ilha. Os que ficaram permaneceram nutrindo um forte sentimento de revolta contra o novo monarca, visto como tirano.

De fato, centenas de pessoas foram mortas, gado foi sequestrado, casas foram incendiadas e aldeias destruídas. Propriedades confiscadas de conspiradores foram entregues a normandos ou anexadas à Coroa. Famílias nobres antigas foram humilhadas e levadas à mendicância.

William introduziu na Inglaterra a lei feudal. Segundo Hume (2017, p. 72), nesta época “o reino abrigava setecentos locatários principais, e 60.215 cavaleiros ou vassalos; e como nenhum nativo inglês era admitido entre os da primeira ordem, os poucos dentre eles que retiveram a propriedade da terra aceitaram de bom grado ser recebidos na segunda”. Não foi diferente com a Igreja: o clero local foi obrigado a se submeter e testemunhar inúmeras trocas e substituições por estrangeiros. O Papa Alexandre, aliado de William, tinha interesse em fazer da Inglaterra uma nova França, livre de influências nórdicas pagãs.

Não fica difícil visualizar o papel da língua neste contexto e processo. Ora, a língua é reconhecidamente, há séculos, um instrumento de dominação. Hradek (2020, p. 57) comenta: “Durante algum tempo, passou a haver uma divisão linguística de classes, onde as classes mais baixas falavam o inglês e os ricos falavam francês. Somente no século XIV, o inglês se tornou a língua dominante novamente, mas muitas palavras francesas foram assimiladas. Foi assim que se formou o inglês médio”.

Já Lima (2016, p. 91) é tranquilo em afirmar: “É provável que a mudança cultural, isto é, a mudança da vida cotidiana provocada pela dominação normanda, tenha sido determinante para a mudança linguística”.

William sabia disto, como anota Hume (2017, p. 78):

Guilherme chegara mesmo a considerar o projeto, é verdade que difícil de executar, de abolição da língua inglesa, e com esse propósito ordenara que em todas as escolas existentes no reino a juventude deveria ser instruída na língua francesa; prática que, estabelecida pelo costume, permaneceu mesmo após a morte de Eduardo III [1377] e nunca chegou a ser abolida da Inglaterra.

Outras instituições adotaram o francês, como a Justiça e os legisladores (idem):

Os procedimentos na suprema corte de judicatura eram em francês; as sentenças eram com frequência emitidas nessa mesma língua; as leis eram compostas nesse idioma; outra língua não era utilizada na corte; tornou-se a linguagem do mundo elegante; e os próprios ingleses, envergonhados de seu país, eram proficientes no uso desse dialeto estrangeiro. A tal projeto de Guilherme, e ao prolongado domínio dos estrangeiros na sucessão da Coroa da Inglaterra, deve-se essa mistura de francês que atualmente se encontra na língua inglesa, e que responde pela maior e melhor parte de nossa linguagem.

Sobre o Parlamento, Hradec (idem, p. 67) expressa:

Esse [período normando] foi o período que o parlamento começou sua evolução gradual dentro do corpo democrático na forma como é hoje. A palavra parlamento vinha do francês “*parler*” e foi usado primeiro na Inglaterra no século XIII para descrever e compor os nobres reunidos pelo rei. Em 1295, o modelo parlamentar foi estabelecido como padrão para o futuro, incluindo representantes eleitos para as áreas rurais e urbanas.

ÊTRE OU NE PAS ÊTRE...

A língua inglesa é um misto de influências culturais, não apenas na fala. Em seu período antigo (Old English), recebeu influxos linguístico-culturais dos povos que já viviam na Ilha, assim como dos celtas que depois migraram para lá (700 a.C.), dos romanos (55 a. C.), dos anglo-saxões e por fim, dos vikings.

Segundo Hradec (2020, p. 26),

Os romanos levaram às regiões conquistadas técnicas de plantio e criação de animais muito avançadas, técnicas de administração social, desenvolvimento militar e centros urbanos onde passou a haver atividade comercial, entre outros benefícios. (...) Mais de 20 cidades foram fundadas pelos romanos e a população aumentou.

Naturalmente, todas estas novidades trouxeram o correspondente vocabulário, ajustado às regras gramaticais do latim. Assim, a língua romana ia se impondo e ganhando

espaço no falar e na escrita dos ingleses. O mesmo se deu depois com a chegada dos anglo-saxões e dos vikings, em suas respectivas épocas. Diz a autora (*idem*, p. 31):

O inglês antigo, em inglês, “Old English” (*Ænglisc*), também chamado “Anglo-Saxão” foi a primeira forma do idioma. Seu surgimento e desenvolvimento não trazem dados muito precisos, mas foi falado de 450 a 1100 d.C., aproximadamente. Apesar da primazia do latim na região, o inglês antigo era composto por vários dialetos germânicos levados para a Grã-Bretanha do noroeste do continente europeu em meados do primeiro milênio da Era Cristã, sem contar a língua dos Celtas, que já habitavam a região e, posteriormente, foi também influenciado pelos povos nórdicos.

E prossegue (*idem*, p. 37):

A conquista da região pelos normandos ofereceu influências franco-normandas, alterando o vocabulário e a ortografia. O contato com os povos escandinavos garantiu a simplificação gramatical e lexical e as ocupações romanas contribuíram para as estruturas descendentes do latim. O inglês se tornou um idioma vasto, flexível e de vocabulário amplo, mais fortemente marcado pelos povos germânicos, mas com marcas fortes de outras línguas, como o latim, italiano e o francês. As influências dos anglo-saxões foram relevantes na língua e cultura inglesa, como por exemplo, os dias da semana que foram estabelecidos com base nos nomes dos deuses Germânicos: “*Tig*” (*Tuesday*), *Wodin* (*Wednesday*), *Thor* (*Thursday*), *Frei* (*Friday*).

No que se refere à Literatura, a obra mais importante do período é bem anterior à invasão normanda (Hradec, 2020, p. 31):

O maior poema desse período é Beowulf que pertence ao século VII. É uma característica muito comum nas poesias deste período, que sejam descritos eventos e situações de crueldade ao invés de alegria. Abaixo, um trecho desse primeiro texto épico de 3000 linhas (poesia sobre as aventuras de um herói) para exemplificar e comparar como era essa língua em relação ao inglês atual.

Quanto à influência do latim, Hradec (2020, p. 39) expõe:

O latim foi, por três séculos consecutivos, a língua mais importante da região pela invasão romana, mesmo que a influência mais marcante no inglês seja germânica e posteriormente, nórdica e inicialmente celta. As marcas latinas são identificáveis sobretudo nas palavras cognatas, como: “comedy” (comédia) – diretamente do latim “comoedia” / “human” (humano) - “*of or belonging to man*”, do latim “*humanus*”. Mas o processo de latinização se deu mais nos centros urbanos dominados pelos romanos, devido, entre outros motivos, à construção de obras de engenharia e outras comodidades civilizatórias.

De acordo com a autora, palavras de origem latina levaram a novos hábitos acolhidos e assimilados na sociedade inglesa, como demonstram vários outros termos que perduram até hoje. Ela expõe:

Outros termos latinos foram consolidados na Grã-Bretanha a partir do século 6 com a cristianização da região, devido à construção de um mosteiro em 563 d.C. de onde saíram missionários em direção à Escócia e a reforma em um outro mosteiro para onde o Papa Gregório Magno enviou o monge Agostinho em 597 d.C. Os serviços e ensinamentos nos mosteiros eram em latim e a região foi tomada por grandes centros de erudição da Europa, surgindo e expandindo a terminologia de origem latina que existem até os dias atuais.

Lima (2016, p. 90), por sua vez, assinala:

Os dois primeiros séculos do segundo milênio são considerados críticos para a mudança do inglês. Os contatos com os escandinavos e, posteriormente, com os normandos moldaram a língua inglesa definitivamente: é mais ou menos neste período que ocorrem as maiores transformações no léxico, com a entrada do vocabulário de origem nórdica, em sucessivas ondas, e de origem francesa (10 mil palavras ou mais), e na sintaxe, pela perda das desinências.

Hradec (2020, p. 86) sintetiza a força do francês no período do Middle English:

Durante quase trezentos anos, os franco-normandos misturaram-se aos falantes do inglês antigo e os efeitos foram surpreendentes. O gênero gramatical foi trocado pelo gênero lógico. A maior parte das terminações foram perdidas e a ordem das palavras também mudou primordialmente. O inglês deixou de ser uma língua germânica comum. A mudança geral foi tão grande que o inglês passou a ter a forma como conhecemos hoje, aproximadamente em 1350, quando a influência dos quase 300 anos de ocupação dos franco-normandos já havia sido assimilada na base dos dialetos germânicos. Inglês é atualmente a língua de origem germânica que menos se assemelha ao ramo das línguas germânicas.

Para Vianey (2008, p. 17), o francês normando imediatamente se tornou a linguagem das classes governantes e se manteve pelos 200 anos seguintes. Francês e latim eram usados pelo governo, pela Igreja, leis e literatura. Muito pouco era escrito em inglês, embora monges (sempre eles!) tivessem permanecido usando o inglês anglo-saxão até meados do século XII. Na fala, o inglês sobreviveu com alguns dialetos.

No século XII, segundo a autora, o francês se fortaleceu em razão do uso por proprietários de terras e por ingleses (de “sangue inglês”, diz ela) que desejavam ser importantes. Por outro lado, à medida que normandos foram se casando com inglesas, os filhos aprendiam o idioma materno. Há um registro, de 1177, que diz que parecia impossível saber, entre homens livres, quem era inglês e quem era normando. Outro detalhe curioso anotado por Vianey (2008, p. 18) é que o francês falado na Inglaterra era mal visto em Paris (típico!), o que contribuiu para que os ingleses de classes mais altas defendessem o uso de seu próprio idioma na Ilha.

Além disso, o francês nunca foi adotado largamente pelo povo. Um poema de aproximadamente 1300 dizia (2008, p. 19):

Dis ilk bok es translate
Into Inglis tong to rede
For the love of Inglis lede,
Inglis lede of England,
For the commun at understand

Em tradução livre: “Este livro é traduzido / em língua inglesa / pelo amor do povo inglês / povo inglês da Inglaterra, / e para o povo comum compreender”.

Entre 1348 e 1375, quando a Peste Negra assolou a Inglaterra e matou cerca de um terço de sua população, segundo Vianey (idem), boa parte dos falantes do francês, como monges, professores e clérigos, mortos, foram substituídos por outros menos instruídos, que conheciam apenas o inglês. Enfim, aos poucos, o inglês foi reconquistando espaço.

Já no Inglês Médio (Middle English), período iniciado no século XI com a conquista normanda, Hradec afirma que o fator mais relevante da época “foi o de mais de 350 anos de uma elite que falava francês, evidente, principalmente no vocabulário, ou seja, o empréstimo lexical pelo domínio sócio-político dos normandos nessa fase” (idem, p. 72).

A autora ilustra (idem, p. 73):

Indubitavelmente, o fato mais relevante do inglês médio foi a forte influência do francês, que passou a ser uma língua de prestígio, durante o contato franco-normando que durou três séculos, um grande aporte de cerca de 10.000 palavras francesas teria sido assimilado no inglês nessa fase a título de empréstimo linguístico, a maioria relacionada com legislação e administração governamental, mesmo que em todos os setores existissem exemplos, sobretudo de substantivos. Muitas palavras foram baseadas em afixos franceses como “*trans-*, *com-*, *pre-*, *-ance*, *-ition*, *-ment*” entre outras. Do inglês normando para o parisiense, haviam diferenças no momento da incorporação, como “*calange*” (desafio, do normando) e “*challenge*” (do francês parisiense).

E continua (idem), informando que algumas palavras vieram do francês mesmo, não somente do latim:

como “*detour*” (desvio), “*magazine*” (revista), “*garage*” (garagem ou oficina mecânica), “*entrepreneur*” (empresário, homem de negócios), “*brunette*” (morena), “*blonde/blond*” (loira/loiro), entre outras como “*attorney*, *parliament*, *prince*, *revenue*, *sergeant*, *sermon*, *charity*, *bracelet*, *fry*”. Com o passar do tempo, algumas palavras foram totalmente substituídas da forma anglo-saxã ou começaram a coexistir com as equivalências em francês. Algumas adquiriram conotações totalmente diferentes, mas haviam as que prevaleciam como sinônimas, como do Anglo-saxão “*answer*”, do francês “*respond*”, ou do Anglo-saxão “*clothe*” e do francês, “*dress*”, por exemplo.

Mais exemplos, encontrados em Bittencourt (s.d.): *archer*, *guard*, *navy*, *battle*, *ambassador*, *noble*, *minister*, *heir*, *council*, *public*, *exile*, *judge*, *peasant*, *banner*, *charity*, *theology*, *religion*, *piety*, *lieutenant*... como dito, são milhares, no léxico militar, das artes, da Medicina, da aristocracia, legislação, administração, culinária, mobiliário, arquitetura,

igreja, etc., para ficar apenas nos substantivos. Em outras classes gramaticais, é possível citar: certain, blank, poor, final, cruel, curious, probable, simple, special, nice, honest, entre outras.

Como exemplos de coexistência, podemos citar equivalentes vindos do anglo-saxão e francês, hoje existentes: kingly/royal, help/aid, hunt/chase, folk/people, wish/desire.

Oliveira (s.d.) destaca um aspecto interessante:

É curioso observar que os nomes de quase todos os artigos de luxo e mais sofisticados são normandos; já as coisas mais simples são saxônicas. Desse modo, temos castle, city e mansion (normandos); porém town e hamlet, home e house (saxônicas); relations, ancestors e descendants (normandos); father e mother, sister e brother, son e daughter (saxônicas). O normando tinha pleasure, comfort, ease, delight; o inglês possuía happiness, gladness e work. O modesto operário inglês era um shoemaker, shepherd, miller, fisherman, smith, ou baker; já aqueles que tinham contato mais próximo com os soberanos eram os tailors, barbers, painters, carpenters. Os normandos usavam chairs, tables e furniture; o inglês tinha apenas uma humilde stool. Os normandos consumiam seus big dinners, feast, supper, em que os alimentos eram boiled, fried, roasted; o inglês se contentava com uma refeição mais simples, o breakfast.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Albert C. Baugh e Thomas Cable, autores de “A History of the English Language”, citados em Lima (2016, p. 95), a conquista normanda de 1066 foi o evento de maior efeito sobre o idioma inglês em toda sua história, e qualquer conjectura sobre o que teria sido da língua se não fosse este episódio é mera especulação. Pode-se afirmar apenas que não haveria tantas palavras de origem francesa no vocabulário inglês.

Lima defende que, por 200 anos, o francês foi a língua da classe dominante e da administração. Se no início apenas os normandos invasores falavam o idioma latino, com o passar do tempo, e por força da necessidade, os ingleses da elite – até por uma questão de status social, passaram a usar o francês. Claro que, entre o povo, o inglês continuou, com seus matizes célticos, mas apenas do século XIV o inglês voltou a ser a língua oficial na Inglaterra.

O contexto sociopolítico favoreceu este retorno. Em 1349, por exemplo, o inglês foi usado pela primeira vez na Universidade de Oxford. E em 1362, o rei Eduardo III abriu as atividades do Parlamento usando o inglês. Também contribuiu fortemente a obra poética de Geoffrey Chaucer, que está para a língua inglesa assim como Dante Alighieri está para a Italiana. Aliás, o inglês foi influenciado pelo florentino. “Os Contos da Cantuária”, obra inacabada, começou a ser escrita em 1387. Chaucer morreu em 1400 e a obra foi publicada pela primeira vez em 1475.

REFERÊNCIAS

HRADEC, Débora. **Gramática Histórica da Língua Inglesa**. Recife: Ser Educacional, 2020.

HUME, David. **História da Inglaterra**: da invasão de Júlio César à Revolução de 1688. São Paulo: Unesp, 2017.

LIMA, Luciano Rodrigues. **Uma História crítica da língua inglesa**. Campinas: Pontes, 2016.

OLIVEIRA, João Bittencourt de. **Do Francês ao Inglês: Breve Estudo da Contribuição ao Léxico Inglês**. Acesso em 11.08.24. Disponível em <https://www.academia.edu/5458772>.

VINEY, Brigit. **The History of the English Language**. Oxford: Oxford University Press, 2008.